

**TÍTULO:** Conferência (transcrição sem revisão da autora)

**AUTOR:** Professora GLACI ZANCAN

Boa Noite. Eu gostaria de agradecer o convite ao Fórum Nacional de Extensão Universitária, a Pró-Reitora de Extensão da UFPB, pelo convite para vir até aqui hoje. Eu gostaria também de dizer que é uma grande alegria de ver professores e jovens envolvidos na atividade acadêmica e este primeiro Congresso Brasileiro de Extensão é uma prova da pujança do sistema acadêmico brasileiro. Como todo mundo já está um pouco cansado, eu espero que não os canse ainda mais. Como primeira transparência eu vou colocar na tela a declaração da ciência, um texto, um pedaço da declaração da ciência. No uso do conhecimento científico se coloca a responsabilidade social do cientista que deve trabalhar sempre para que nós tentemos tirar os indivíduos da ignorância, do preconceito e da exploração dos seres humanos, o que quer dizer este texto é que o cientista é responsável pela melhoria da qualidade de vida da população. A frase clássica de Bacon “saber é poder”, desencadeou o grande processo da revolução da sociedade do conhecimento e com isso a ciência passou a ser importante como poder que ela hoje é. A primeira pergunta que a gente se põe tendo como marco esta declaração de ciência proposto pelo conhecimento humano é: como o Brasil está na área do conhecimento científico e comparado ao resto do mundo, já que ciência é poder? A transparência seguinte é apenas um ensaio para comparar aquilo que todos os jornais comparam diariamente, que é o Brasil com a Coréia. Ai estão as curvas de produção científica do Brasil e da Coréia representada pelo número de trabalhos publicados e indexados no Banco Americano de Produção Científica. Como podem ver, tanto o Brasil quanto a Coréia aceleraram seu crescimento a partir de 90 numa curva ascendente de produção científica. Evidentemente que a Coréia tem um crescimento maior que o nosso. É preciso dizer que esses números que estão ai representam no Brasil 1/8 da produção científica internacional, por exemplo. Nós crescemos, mas somos muito poucos. Quer dizer, nosso crescimento ainda é muito pequeno. Na próxima transparência, está colocada a evolução da produção científica brasileira e eu fiz um tratamento um pouco diferenciado dos números. Aqui tem o número de doutores e estes dados são de 1997. No número de doutores formados por ano pode se ver que quando se analisa a produção de 80 a 2000, o Brasil cresceu três vezes e vejam a Coréia que cresceu muito mais. Quer dizer que o crescimento é significativo com relação ao resto do mundo. Vejam a China de 15,4 fica abaixo da Coréia, mas vejam esta coluna agora, 1996/2000, a China é quem mais está crescendo na produção do conhecimento. Crescendo mais do que o Brasil, mais do que a Coréia. Ou seja, o nosso ritmo de conhecimento decresceu. É preciso ter consciência de que, embora os números sejam positivos na parte de crescimento, decorrentes basicamente dos investimentos feitos na década de 70, nós ainda temos uma produção científica que pode ser considerada não suficiente para o desenvolvimento do país. A pergunta seguinte é outra: o que este crescimento é refletido nos indicadores sociais do país? Na primeira transparência eu vou comparar Brasil, Coréia e México, no número da população, da realidade econômica, no percentual de indivíduos abaixo da linha de pobreza, quer dizer, aqui considerando 1 dólar/dia ou 2 dólar/dia, o PIB aplicado em educação. Veja, aqui não há grandes diferenças do PIB aplicado na educação entre o México, a Coréia e o Brasil. Vejam agora o percentual da linha de pobreza, 53% no México e 38% no Brasil. Se esse número forem feitos cálculos, nós temos um país dentro do país, que está abaixo da linha de

pobreza. Aqui não tem muitas diferenças do pessoal. Algumas das universidades que estão nas áreas técnicas, em ciência e tecnologia. Vamos agora à diferença com relação à escolaridade da população. Aqui nós vemos que a Coréia tem a média da população com 10 anos de escolaridade; o México fez um esforço e está com 7.2, e vejam o Brasil, 4.9. Estes números melhoraram um pouco e segundo o MEC, está em 5.1. Muito baixo ainda. Os últimos dados publicados pelo MEC, esses dados são mais antigos, embora o Relatório de desenvolvimento humano seja de 2001 e 2002. Outro dado importante é a diferença do percentual aplicado do PIB em ciência e tecnologia. Vejam o número do México, que é pequeno, da Coréia e o do Brasil, outro diferencial é o número de engenheiros da produção referenciados em cem mil, com relação à população. Aqui em baixo, começam em vermelho os índices internacionais. Eu considero importante que se analisem esses índices que são índices de desenvolvimento humano, em que se vê claramente que o Brasil tem um índice muito baixo. O México está um pouco acima e a Coréia tem, evidentemente, um índice relativamente bom. Ou seja, esse índice de escolaridades e os índices de mortalidade, são responsáveis pelo nosso número baixo, índice alto, diria eu, este índice de desenvolvimento humano. Este índice de capacitação de desenvolvimento de tecnologia, o índice TAI que o Brasil ficou em 38º lugar, que é a capacidade de usar a tecnologia. Vejam, este número é também baixo por causa da escolaridade e o índice de capacidade de trabalhar em rede, na parte da internet, informática, o Brasil ficou em 38º. À frente do México, e curiosamente é o 18º país em governo eletrônico, ou seja, nos conseguimos avançar quando se decidiu fazer isso. Será que nós estamos tão mal assim em índice de desenvolvimento humano? Será que nós estamos parados, retrocedendo? A próxima transparência tenta mostrar que nós avançamos. No Brasil os índices estão aumentando. Essa é a Noruega que é o país com o mais alto índice de IDH. Esta é a Espanha, que tem uma economia proporcional à nossa. Está é a Coréia e vejam a curva da Coréia, ascendente. Aqui está o Brasil que está crescendo, mas evidentemente não está crescendo no ritmo que deveria crescer. Para poder incluir 60 milhões de brasileiros. O México tem as curvas mais ou menos paralelas. Estes números são só para balizar os grandes problemas que nós temos. Sem dúvida nenhuma nós somos capazes de fazer ciência. Pequena, mas fazemos bem, aparecemos no mundo, mas nós não somos capazes de resolver com nossa capacidade com nossa inteligência o processo da exclusão social. É um dos grandes gargalos, sem dúvida nenhuma, no meu entender, na educação. Se por um lado nós conseguimos melhorar as estatísticas que estão aí, por outro lado, toda qualidade tem muito que crescer e muito que melhorar. Qual seria na definição da ONU a missão do ensino superior? Vejam este texto que também é da ONU e que tratou da Conferência Mundial sobre o ensino superior. Coloca muito claro a responsabilidade da formação de graduados, altamente qualificados, cidadãos responsáveis, capazes de satisfazer todos os setores da vida humana, ajudar, preservar e melhorar os valores sociais, registrando questões morais e éticas, fornecendo perspectiva crítica e particularmente para colaborar na discussão de opções estratégicas e de renovação humana. Este artigo 12, eu escolhi especificamente, porque tem muitos artigos, diz o seguinte: Deve reforçar suas funções e serviços à comunidade, especialmente suas atividades destinadas a eliminar a pobreza, a violência, o analfabetismo, a fome e as doenças. Vejam, está inserida na Declaração da ONU. Claramente a missão da universidade numa parte de sua atividade de extensão. A minha outra pergunta é: quantos somos? Será que somos suficientes? Como está o perfil do ensino superior no censo de 2000 do MEC? Dos estudantes de 18 a 24 anos nós temos 20.350, concluintes do ensino médio 1.853.343. Já aí aparece o gargalo do ensino

secundário, com baixo número de estudantes no ensino secundário. Esse é um problema também. Se nós vamos acreditar que depois de 50 anos que Anísio Teixeira pregava a universalização do ensino fundamental, depois de 50 anos atingimos. Evidentemente que numa sociedade que o avanço do conhecimento científico é exponencial, nós não vamos poder esperar 50 anos para atingir as outras metas. Esse é um desafio que precisa ficar muito claro. Então, no ensino secundário nós temos problemas seríssimos: ele está muito aquém de todos os números e agora há pouco, em outubro, saiu o Relatório do Banco Mundial em que ele chama a atenção que o Brasil tem que fazer um esforço na área do ensino secundário, e ele salienta que é um número pequeno no ensino superior. Mais muito mais grave ainda é o baixo número no ensino secundário. Vamos agora aos números de matrículas nas universidades: no sistema de ensino superior é de 13.2% da população que deveria estar na universidade. Se nós fossemos universalizar o ensino terciário que é a meta, por exemplo, dos países do OCDE?. E aqui tem um outro problema: do total dos alunos matriculados só 4% estão nas universidades estatais. E isso é de novo um tremendo fator de exclusão. Esses números mostram que os desafios que nós temos são muito maiores do que nós normalmente pensamos. Portanto, vai ser preciso que a gente se conscientize para um trabalho coletivo de promoção de todo o sistema. Do contrário, se nós formos no caminho lento que nós temos, que nós vemos freqüentando, nós não vamos chegar tão facilmente. O problema da definição de quais são as funções da universidade que, segundo o modelo clássico, faz ensino e pesquisa, esse modelo está sendo discutido no mundo inteiro. A universidade passa por uma crise, digamos assim, de identidade mundial e eu escolhi para colocar aqui o relatório das universidades públicas estatais americanas, para revisão dos conceitos do que uma universidade faz hoje. Vejam que aqui aparece claramente mudado os temos ensino, pesquisa e extensão. Aparece aprender, descobrir e comprometer, e se tem já classicamente definidas as três atividades da universidade. Aqui aparece o aprender como um conjunto de atividades de professores e alunos como responsáveis ambos pelo seu crescimento. No descobrir aparece a atividade criativa e a interação disciplinar, para o surgimento de novos descobrimentos, de novos conceitos e de novas idéias. Aqui no comprometer aparece a parceria dentro dos interesses da comunidade, ou seja, o conceito clássico que a universidade tinha de ensino e pesquisa, e a extensão era relegada, passa a ser mudada dentro das discussões mais recentes sobre o que é uma universidade. Acho que a gente deveria parar e pensar o que é aprender numa universidade. Estamos acostumados a currículos pré-determinados, alunos em sala de aula, e é aula, aula, aula, aula... 40 horas de aula por semana. Ninguém para pra pensar, quer dizer, não tem aluno que agüente, nem professor que agüente. Ai você aumenta ainda mais esta disponibilidade para dar aula quando você paga ao professor por hora de aula que ele dar. A GED para mim é uma deturpação do ensino acadêmico porque com isso você hipertrofia os currículos. Porque os professores para ganhar criam disciplinas e você tem milhares de disciplinas de um aluno e aí aparece na GED os pontinhos, quer dizer, é uma mentira total e absoluta. Eu queria colocar a próxima transparência para dizer o que é o espírito acadêmico. Este é um texto de dois pesquisadores americanos discutindo como se vê, a universidade como fonte de lucro. A universidade tem de ser produtiva como os economistas vêem. A universidade tem que ser produtiva no mercado, então esses pesquisadores rebatem dizendo que a universidade não é isso. Eles dizem isso aqui as reais universidades em educação universitária é tempo para explorar talentos, cultivar o espírito rico e criativo, para aprender aquelas coisas que não se aprendeu antes e nunca se aprenderá de novo. E isto que está em vermelho vai sacrificar na preparação completamente do

treinamento para uma carreira. O que se quer dizer é que a Universidade é muito mais do que a preparação de uma carreira, é uma convivência que não é somente o professor que é importante, é uma convivência entre os alunos que é importante. Nós falamos muito hoje em ensino que a gente vai poder usar os grandes equipamentos, a internet, o computador. Vamos fazer ensino a distância, vamos ter milhões de alunos, vamos rapidamente aumentar as estatísticas. Será que é assim? A próxima transparência é um texto que foi apresentado no fórum econômico de Nova York, deste ano, pelo grupo da universidade de Harvard. Vejam o que eles dizem: na maioria dos lugares as novas tecnologias estão sendo usadas simplesmente pra reforçar abordagens ultrapassadas de aprendizagem. Para se tirar mais uma vantagem da tecnologia, é necessário repensar as formas de aprendizado. A educação e as idéias de como novas tecnologias possam suporta-las. Como educação está associada a informação e os computadores permitem transmitir, acessar, representar e manipular informação de várias maneiras, os dois parecem fazer um casamento perfeito, mas não é assim. Se desejamos tirar vantagens máximas da tecnologia computacional, e ajudar o povo a pensar e a aprender melhor, será necessário mudar esse enfoque. E aqui vêm a necessidade mundial de pesquisa na área de aprendizado pelo computador. Ninguém sabe como se aprende com a máquina. Então não adianta por computadores em sala de aula para dar a informação que está no livro. É preciso saber usar e aqui eu acho que tem experiências interessantíssimas associando arte, ciência, com o computador. Então, na realidade nós podemos trabalhar. Nós que temos uma cultura imensa e diversificada, fazendo experimentos locais, desafios para as universidades, para fazer experimentos locais fazendo arte e computação para ver se a gente consegue fazer as crianças serem mais criativas e melhor aprender. Quanto ao descobrir, eu quero colocar uma outra transparência, de um outro pesquisador, com relação ao descobrir. Eu já aprendi que a gente tem que usar preto e não azul, senão a gente não vê direito. Os valores pessoais: respeito, sensibilidade e tolerância, sem os quais a ciência não se realiza. Os valores comunitários: honestidade, integridade, dignidade, que congrega a comunidade científica, congregava, porque na hora que entra comércio, eu não sei. Na base desses princípios a ciência foi capaz de em 300 anos mudar totalmente a cada 50 anos. Muda hoje a cada 10. Isso dói escrito em 1978. A comunidade científica tem uma vantagem. Todos nós sabemos que daqui a 50 anos muitas coisas que agora aprendemos, poderão não ser absolutamente corretas. Ciência não é dogma. E isso é o que ele tá tentando dizer. Nós precisamos passar isso para toda a sociedade e dizer que ciência não é digna, e que cada inteligência pode ver um fato de maneira diferente. Com relação ao comprometer, vejam o que diz um texto da OCDE sobre universidade em transição: a transferência de conhecimento é vista como uma função importante e legítima das universidades em adição aos seus papéis mais tradicionais reprodutoras de pesquisa e transmissora, ensino e treinamento de conhecimento. Aparece no documento formal da instituição dos 7 países mais ricos, a extensão de novo como característica fundamental da universidade. Acontece que a extensão pode ser feita de várias maneiras. Eu diria que você tem algumas carências de extensão no país que são violentas. Entre elas, a necessidade que a universidade se insira total e completamente no processo de alfabetização científica, porque não é só escrever e ler, é conhecer, é incorporar os princípios da ciência na vida de todo dia, porque a ciência hoje faz parte na vida de todo cidadão. Quem é de vocês que não viu aquela novela, “O Clone”? Quem é que sabia do que se tratava? A Universidade tem obrigação de fazer grandes eventos, de explicar, usar seus meios para explicar o que é clonagem. Será que nós vamos poder comer soja geneticamente modificada? Tem que explicar. Pode ou não pode? Quais são as vantagens,

quais os riscos? A população é chamada a tomar posições que afetam a sua vida e ela não tem o mínimo de conhecimento, mesmo aquela população que tem televisão e que tem um padrão de vida maior. Eu não estou falando nem dos 60 milhões de excluídos. Eu estou falando do resto. Este resto também não sabe e é óbvio que a universidade tem também nessa tarefa, uma tarefa importantíssima e que vem sendo sistematicamente esquecida. A universidade é a cabeça do sistema educacional. Ela é responsável pela formação de todos os professores, e tem que assumir urgentemente a reciclagem de todos os professores do ensino fundamental e do ensino secundário. Do contrário, eu continuo dizendo, nós não vamos chegar. O reitor falou da falta de emprego. Emprego hoje requer habilidades. Para abrir valetas simplesmente, o alfabetizado vai poder fazer. Por exemplo, eu vou citar o caso do meu estado. Se importou tecnologia para se fazer automóvel, quem é que veio? Gente de fora! Se vocês andarem por Curitiba, vocês vão ver a quantidade de jovens estrangeiros que vivem circulando por lá. Porque não tinha gente suficiente para trabalhar nas fábricas. Ou seja, não adianta trazer grandes empresas se nós não temos operários com a qualificação necessária para trabalhar. Eu tenho um ex-aluno que é diretor da Johnson&Johnson e ele me disse: professora, eu hoje não emprego na fábrica quem não sabe inglês e informática, como operário. Então é preciso que a gente tenha consciência que o emprego depende da habilidade e a ciência pode ajudar a aumentar a habilidade. Portanto, a universidade que gera o conhecimento, que detém o arsenal possível para fazer revoluções, precisa assumir o seu papel nesse participar. Nesse relatório que saiu o índice TAI, tem um texto que eu também acho que é importante, a transferência e difusão de tecnologias não são fáceis. Países em desenvolvimento não podem simplesmente importar e aplicar conhecimentos gerados fora, seja para obtenção de equipamentos, sementes ou pílulas. Nem todos os países precisam desenvolver tecnologias de vanguarda, mas cada país precisa identificar potenciais benefícios das novas tecnologias e adapta-las as suas limitações e necessidades. Quando a gente olha toda a propaganda da necessidade de fazer inovação no país, porque no país o número de patentes é bem baixo; porque o nosso número de engenheiros nas fábricas é muito pequeno. A inovação ta toda voltada para geração do mercado. Nós precisamos pensar que tem potencial de conhecimento nas universidades para fazer inovação para necessidade local da população, que não é para ganhar milhões, nem é inovação para competir com Bill Gates, mas é uma inovação que vai melhorar a condição de vida da população naquele ambiente. Esse conhecimento a universidade tem, e esse conhecimento ela pode usar para permitir agregação de valor as coisas básicas que a própria população faz, organizando a população, dando instrumentos intelectuais para que ela possa fazer isso. Essa inovação que pode ser feita com os alunos através dos sistemas empreendedores, quer dizer, tem que estimular o empreendedorismo nas universidades, quer dizer, é uma tarefa também de extensão. Quer dizer, se você criar uma empresa jovem, põe os meninos a trabalhar, a fazer promoção, vejam, uma vez em fiquei muito surpresa, porque a universidade de Berkeley dá cursos de chucrutes para as donas de casa. Por que nós não podemos ensinar a usar as nossas frutas regionais para poder vender no mercado específico? Por que a universidade é tão importante que não pode fazer isso? Há uma serie imensa de desafios que a gente pode, evidentemente, assumir. Eu quero pôr um último desafio que eu considero o mais importante. Todos nós que vivemos o dia a dia da universidade, porque eu tenho 42 anos de vida na universidade, de briga permanente. Então todos nós que vivemos na universidade, sentimos que ela está se esvaindo, a universidade está se esvaindo nos seus conceitos acadêmicos. O salário é baixo e o professor fica fazendo outras coisas, ganhando 40 horas. Porque ele vai dar um

curso de especialização e vai ganhar muito mais. Mais o dinheiro não vem para a universidade, o dinheiro vai para um grupo. É uma série de coisas que está ocorrendo. A Universidade por dentro e nós não temos coragem de enfrentar. Quando se fala numa reforma acadêmica, nas universidades estes cancos têm de serem enfrentados. E eu pensei que o problema era meu. Mas eu quero mostrar um texto para mostrar que o problema não é só meu. A angústia não é só minha, de que a universidade está numa crise muito grande porque conceitos acadêmicos estão se perdendo. O professor Kay, há um ano e pouco se aposentou da universidade da Califórnia e ele tem um livro famoso que os ..... da universidade que ele fez uma edição nova agora em 2001, onde ele agregou um capítulo, e neste capítulo tem isso aí. O ensino superior está se tornando um mercado orientado, mercado orientado para estudantes, mercado de pesquisas, porque empresas compram pesquisas e o professor vende a pesquisa, aí entra o mercado na pesquisa. O sigilo na pesquisa, não pode mais discutir livremente porque tem proteção patentearia, e o mercado de serviços, que será o mercado da extensão para arrecadar fundos, para manter as instituições, ou para manter o bolso de alguns, também, pode ser. Deve haver mais do que isso para ser como uma universidade. As necessidades atuais do mercado, não expressam todas as necessidades da sociedade. E essas necessidades são aquelas do treinamento para uma boa cidadania, interesses culturais avançados, características dos egressos, fornecendo críticas também a sociedade. Benefícios sociais que a universidade oferece à população estão acima dos mercados. Vejam, é um problema mundial. É o problema mundial aparece claro e bem definido. Alguns países entram na organização mundial do comércio pedindo que a educação seja tratada como serviço ao nível da organização, por quê? Porque eles estão se preparando para o comércio de estudantes, ou seja, vai entrar via internet todos os cursos vindos de países que se julgaram com direito de exigir que o Brasil é ..... então neste momento todo o problema que a universidade brasileira enfrenta, que não é a falta de recurso, porque a falta de recurso é um problema. A falta de sua personalidade. A defesa de sua academia. A idéia de transformar a educação como comércio, requer de toda a comunidade, quer seja brasileira, quer seja internacional, uma posição clara de que não é isso que precisa e que não é isso que a gente quer. E aí eu gostaria de passar a última transparência, que é o princípio da precaução que os ecologistas usam muito, mas que eu acho que a gente tem que usar: onde há risco de uma destruição séria e irreversível, a incerteza não deveria ser razão para postergar ações que previnam o dano”. Está na hora de nós nos organizarmos para discutir e regulamentar as interfaces das atividades da universidade com o mercado, se nós não fazemos isso e não disciplinamos a vida dos professores dentro da universidade, nós vamos perder como já está acontecendo nas grandes universidades. As melhores cabeças pensantes da universidade que vão criar outras universidades, ou vão fazer instituições internas dentro da própria instituição, ou vão ganhar dinheiro fora. A Lei de inovação que chegou ao congresso e que teve dificuldades para ser encaminhada, precisa e deve ser amplamente discutida, antes de ser aprovada. Não pode ser regime de urgência, porque ela vai ser muito danosa ao sistema universitário federal se não houver antes todo um trabalho de definição dos parâmetros que a universidade vai fazer para o professor ser um empreendedor numa empresa. Vejam, o professor pode orientar os alunos a contatos com a inovação. O aluno vai para a empresa. Você vai pôr um aluno de pós-graduação para fazer uma tese de doutorado, você orienta, você fica como a semente indutora de formação de recursos humanos. Você fica em casa. Agora você vai mandar seu jovem se formar. A inovação é feita no trabalho, na empresa.

Agora, você permitir que o docente vá para empresa como o salário pago pela instituição, mesmo que ele venha dar aulas, você está tirando dele a capacidade de reflexão, a capacidade de trabalho e com isso você está perdendo de certa maneira o docente. Não vale a pena vestir um santo e desvestir outro. Uns três meses atrás um repórter da *Science* me perguntou o que eu achava da Lei, eu lhe disse isso e saiu publicado na *Science*. Não se pode desvestir um santo para vestir outro. Foi essa a minha frase e foi essa que foi publicada.. Por que precisa fazer inovação? Precisa. O mecanismo não é esse. O mecanismo é apoiar a empresa para fazer inovação, comprando da empresa que produz e que faz o desenvolvimento tecnológico do país. O Brasil tem alguns experimentos muito bem feitos de inovação que estão se perdendo porque o governo não foi capaz de comprar os produtos dessas empresas. Depois de investir maciçamente pelo BNDES e pela FINEP. Portanto, há uma política de governo que precisa ser dada para que haja a inovação e não pensar que tirando de um lado , vai arrumar o outro. Não adianta nós termos que fazer o trabalho coletivo todo. Quer dizer, tem que ter inovação? Tem! tem que inovar na empresa, tem que dar instrumentos para que a empresa inove, mas vamos fazer a universidade exercer o seu papel que é a formação de recursos humanos de alto nível. Nenhum empresário que tenha a cabeça no lugar pensa que a universidade deve estar a seu serviço. Ele pensa que a universidade deve formar recursos humanos. Com qualquer um deles que você converse e que sabe o que é inovação, lhe diz isso. Nós tivemos um workshop agora a pouco na SBPC e foi dito textualmente: se o governo adotar como política a compra de tecnologia, a inovação seguramente vai deslanchar. Eu queria terminar dizendo o seguinte: nós temos que lutar por uma universidade competente e que ao longo dos anos fomos capazes de criar e que fomos capazes de transformar a universidade. Eu me lembro do meu professor de química e que ensinava grego na Católica e química na Federal, ele dava aula de Grego na Federal e Química na Católica, ou seja, avançamos muito, não é mais assim. Há um corpo docente capacitado, formado pela nossa pós-graduação e evidentemente nós temos um potencial nas universidades que tem que ser estimulado a deslanchar, a crescer e a sociedade está chegando aí. Não é mais a sociedade do conhecimento e nem é a economia do conhecimento. O que está chegando e nós temos que estimular é o que eles já estão chamando de sociedade criativa. Ou seja, é preciso estimular a criatividade da criança, para que ela seja criativa, para encontrar soluções. O mundo do futuro vai ser dos criativos. Portanto, nós não podemos matar a criatividade de todos os nossos jovens com modelos didáticos e pedagógicos estanques que são impostos, e que nem sempre condizem com a necessidade, nem da criança e nem do jovem. Eu sonho em ver um dia em que a universidade possa fazer tutoria e que os alunos tenham no seu corpo docente a possibilidade de escolher os professores e as disciplinas que eles quiserem. Evidentemente que isso é um sonho, mas acho que é assim que devemos caminhar. Para a gente ter uma universidade tão competente que a gente possa pegar o aluno e dizer: você sonha com isso? você vai fazer isso! Eu encontrei nesses dias, num avião, uma menina de 17 anos, há uns quatro anos atrás e eu perguntei o que você vai fazer? Ela disse: eu vou fazer vestibular, mas estou numa dúvida atroz. Eu não quero fazer o que está aí. Eu queria fazer bio-informática. E eu disse pra ela, lastimo te dizer que você tem de fazer o curso de informática ou de biologia e depois fazer a pós-graduação ao inverso. Não existe o curso de bio-informática. Pois bem, a área de ciência de ponta é de bio-informática. Aquela menina de 17 anos sabia exatamente o que queria. Queria fazer bio-informática e a universidade não foi capaz de dar a ela os instrumentos intelectuais para que ela aos 21 anos entrasse com a sua criatividade e a sua inteligência para produzir. Então vamos rever

a universidade, mas vamos sair de modelos convencionais da hora-aula, de tudo estático. Vamos pôr os alunos no trabalho de iniciação científica e no trabalho da extensão. Dar crédito por isso. Dar crédito ao professor e ao aluno e nós vamos ver a transformação. Eu tenho certeza absoluta de que se nós fizermos isso, vamos fazer a revolução para a inclusão social de toda a população brasileira.